

■ DOSSIÊ - RELATOS DE EXPERIÊNCIA

■ Mobilidade e trânsito: Relato descritivo

 Cláudia de Souza Silva *

Resumo: Como são as estratégias aplicadas aos estudantes da educação especial das escolas públicas a partir da temática Trânsito, potencializando aprendizagens e modificando comportamentos? Uma vez que se discute sobre essa modalidade de ensino abordar a temática, é de extrema importância, principalmente, no que resulta verificar a realidade escolar da qual estão inseridos e os possíveis resultados gerados em torno das aprendizagens alcançadas na escola perpassando seus muros. Como são cidadãos que transitam pelas ruas, utilizando transportes motorizados ou como pedestres é necessário trabalhar o comportamento consciente deles quanto ao uso adequado e à atenção no transitar diário. De certo que não são condutores de veículos, mas como cidadãos podem alertar familiares quanto à atenção e ao uso adequado de itens de segurança ou na mobilidade consciente. Nesse sentido, as estratégias devem adequar-se em prol de oferecer subsídios, potencializando as particularidades e o crescimento gradativo de cada um. Para tanto, foram realizadas intervenções com duas turmas em realidades diagnósticas distintas. Em 2018, com uma turma de Deficientes Intelectuais (DI) no Centro de Ensino Especial 01 de Taguatinga e, em 2019, na Classe Especial em turma com Transtorno de Espectro Autista (TEA) no Centro Educacional 05 de Taguatinga a partir da abordagem oferecida pelo curso “Trânsito e Mobilidade”, ofertado aos professores das escolas públicas em convênio com a SEEDF e o Detran. Como se trata de estudantes especiais, todas as atividades foram adaptadas antes de serem aplicadas no intuito de haver maior participação autônoma desses estudantes.

Palavras-chave: Trânsito. Formação. Aprendizagens. Desenvolvimento. Interação e Adaptação.

* Cláudia de Souza Silva é graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Brasília UniCEUB (2006), especialista em Ciências Humanas com Ênfase no Ensino Médio pela Universidade de Brasília - UnB (2009), especialista em Gestão e Orientação Educacional pela União Educacional de Brasília - UNEB (2014), especialista em Docência do Ensino Profissional e Superior pela UNEB (2014), especialista em Educação na Diversidade e Cidadania com Ênfase em EJA pela UnB, (2014/2015). Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Contato: claudiasouza33@live.com.

Como professora há quase 20 anos, ainda me sinto estimulada a buscar aprender e sempre faço cursos de formação continuada. No ano de 2018 me transferi de Regional de Ensino, saindo de Ceilândia e indo para Taguatinga, mudando também o público para o qual lecionaria. Por anos estive em sala de aula com crianças das séries iniciais em processo de alfabetização. No ano passado, ao me mudar de cidade, optei por trabalhar com uma realidade que até pouco tempo me causava certo desconforto e profunda insegurança, ou seja, a educação especial. Não me via em condições de possibilitar o desenvolvimento de estudantes especiais e pouco conhecia sobre eles. Acreditava que era uma experiência de pouco retorno porque em meu imaginário os estudantes não apresentariam significativas aprendizagens.

A única experiência que havia tido até o presente momento foi uma turma regular com uma estudante diagnosticada com Síndrome de Down/Deficiência Intelectual. Uma experiência, certamente, muito especial. Mas uma realidade distante da que assumi posteriormente em turma com todos os estudantes com necessidades educacionais especiais. Nessa respectiva classe adaptei as atividades para a aluna, contudo era um contexto diferenciado porque havia outras necessidades na sala e o foco tinha que ser dividido entre as outras demandas. Acaba sendo uma realidade desgastante uma vez que se mistura realidades distintas num contexto nada fácil de administrar na qual o jogo de cintura precisa ser maior pelas divergências encontradas.

Em 2018 transferi de Regional de Ensino modificando totalmente minha realidade pedagógica. Fui trabalhar no Centro de Ensino Especial 01 de Taguatinga em uma turma de Deficientes Intelectuais (DI). Turma diversificada composta por três estudantes com variados diagnósticos. Para definir os estudantes usarei os termos aluno 1, aluno 2 e aluna 3. O aluno 1 possuía todas as habilidades comunicativas e de independência. Era meu braço direito e sempre me auxiliava com os demais. Se eu precisasse solicitar ir à outra sala, por exemplo, pedir algo a algum professor o fazia com total facilidade. Alimentava-se sozinho, buscando, inclusive, seu lanche se fosse preciso. Era muito autônomo nas atividades diárias. Já o aluno 2 apresentava pouca receptividade quanto ao cumprir os combinados da classe, demonstrando inquietude em vários momentos da aula. Não podia ver uma oportunidade que tirava a roupa toda, correndo totalmente nu pela escola ou parava no estacionamento tentando entrar no ônibus escolar alegando querer ir embora. Enfrentamos grandes desafios juntos ao longo do ano. E a única menina, a aluna 3, não se comunicava oralmente, apresentando pouca habilidade interativa com os colegas. Comunicava-se por meio do choro, apontando com o dedo ou sorrindo em grandes momentos de felicidade. Fora que pouco sentava, passando a maior parte da aula andando em volta à mesa.

Por ser uma turma tão diversa, minha primeira ação foi buscar conhecer melhor a realidade na qual estava inserida a fim de planejar diferenciado, buscando alcançar estratégias a atingir as necessidades específicas de cada estudante. O segundo passo foi realizar uma reunião com os pais com horários separados. Nesse momento a possibilidade em poder articular um diálogo mais específico sobre cada estudante e a família se sentir acolhida era maior. A primeira estratégia é muito comum a qualquer educador e totalmente necessária

nos primeiros dias de aula, haja vista que precisamos conhecer o público com o qual estaremos trabalhando durante o ano para, assim, planejarmos as estratégias a serem alcançadas. A segunda, confesso que já a concretizei várias vezes em minha vida profissional, mas era um momento destinado a se reunir com todos os pais num mesmo horário e acabamos perdendo muitas informações. Acredito que ter delimitado tempo foi proveitoso, abrindo discussão a maiores informações. Além do acolhimento recíproco.

Como a experiência era totalmente nova a mim, almejei realizar o curso de TEA oferecido pelo Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação (EAPE). Infelizmente, como não tive êxito, acabei por esperar a oportunidade em realizar a inscrição em outro. Foi daí que apareceu o curso do Detran em convênio com a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Sem pensar muito me inscrevi na modalidade ofertada para a educação infantil por se aproximar da realidade de interação que minha turma precisava. Como abordar sobre a temática trânsito é algo de profunda e expressiva importância e reflexão, haja vista que todos somos cidadãos com direitos e deveres acerca da mobilidade, resolvi me aventurar nessa formação e buscar perceber se haveria alguma estratégia nova que poderia agregar a minha realidade de sala de aula. Certamente, foi muito desafiador pelo contexto no qual estava imersa.

O curso iniciou e tivemos o primeiro contato com a formação. Em minha classe havia mais profissionais que ministravam aula para alunos com necessidades educacionais especiais. Então, formamos uma rede solidária de informações ao tutor da época. Era sempre muito interessante como ele se expressava ao nos ouvir. Fiz questão de indagá-lo sobre em que momento seria planejado um curso voltado para minha área de atuação. Sei que ser professor é saber adaptar as necessidades. Incluir é algo expressivamente necessário e, às vezes, requer maior planejamento, e o feito retorna ao estudante e a toda sociedade conforme preconiza a Declaração de Salamanca:

Educação Especial incorpora os mais do que comprovados princípios de uma forte pedagogia da qual todas as crianças possam se beneficiar. Ela assume que as diferenças humanas são normais e que, em consonância com a aprendizagem de ser adaptada às necessidades da criança, ao invés de se adaptar a criança às assunções pré-concebidas a respeito do ritmo e da natureza do processo de aprendizagem. Uma pedagogia centrada na criança é benéfica a todos os estudantes e, consequentemente, à sociedade como um todo [...]. (SALAMANCA, 1994, p. 4).

Nesse sentido, independentemente da idade e necessidade específica, devemos estar abertos a incluir nossos estudantes com as suas diferenças e necessidades. Afinal, ser diferente é normal. Mas ainda espero poder me inscrever na modalidade específica para educação especial. Não porque não posso adaptar, mas porque desejo, como professora, ver que os alunos para os quais escolhi trabalhar são vistos como importantes e os profissionais também. Por isso, pensar algo específico a eles.

Nesse ínterim, ao me dispor a estudar e planejar estratégias adaptativas e inclusivas em 2018, busquei garantir o direito de meus alunos de promoverem avanços no ambiente escolar. Como todos os cursistas receberam uma caixa com vários jogos, à medida que se trabalhava as unidades, eu aplicava as tarefas

aos estudantes. E nessa hora meu planejamento diferenciado entrava em ação. Lia a proposta oferecida pela formação, estudava as regras do jogo e as reconfigurava para, então, aplicar aos meus estudantes. O planejamento tinha minha participação e intervenção, claro. Mas meu foco sempre foi a participação autônoma dos estudantes.

Como trânsito é um tema de suma importância e sempre atual, e todos nós convivemos nesse contexto, busquei uma forma de apresentar o tema sem fugir da proposta, facilitando a participação autônoma e a interação dos estudantes. Apresentei algumas peças do jogo de alinhavo para trabalhar os sinais de trânsito, explanando com eles as cores, formas e representação gráfica por meio de pranchas inclusivas¹, parecidas com as representadas a seguir, para desenvolver um trabalho pedagógico contínuo (Figuras 1 e 2).

Ainda cantamos músicas que abordavam a temática e propus uma discussão acerca de onde poderíamos encontrar as placas de trânsito, deixando que falassem como se locomoviam de casa até a escola. Como todos se locomoviam de ônibus, trabalhei os meios de transporte. Com essa dinâmica pude revisar vários temas e abordar outros tantos proporcionando a interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento. Por fim, desenhei no quadro o percurso que todos faziam de casa até a escola, delimitando os semáforos, placas de sinalização e faixas de pedestres. Foi muito gratificante perceber a participação deles nesse momento (Figura 3).

Percebi que a participação dessa turma nessa dinâmica foi gratificante porque pude trabalhar algo que é da vivência de todos. Fugir um pouco do que é estaque facilita a compreensão e a integração da turma facilitando as aprendizagens e os comportamentos. Como esse trabalho durou um semestre e estava trabalhando continuamente o assunto, em vários momentos pude perceber os avanços constantes no Gráfico 1.

Foram gradativas e sólidas as mudanças ocorridas na turma.

Figura 1. Pranchas inclusivas



Fonte: Imagens inclusivas utilizadas diariamente para trabalhar a percepção oral com os estudantes (2018).

Figura 2. Apresentação de placa de sinalização.



Fonte: Aula inicial sobre trânsito (2018).

Figura 3. Caminhos de casa até à escola com desenho de semáforos e faixa de pedestres.



Fonte: Desenho do trajeto da casa dos estudantes até a escola (2018).

Segundo dados demonstrados no Gráfico 1, a única aluna apresentou significativa mudança em relação à aceitação em brincar no parquinho. Na primeira vez que eu e a monitora a levamos para brincar no balanço, ela se segurou com tanta força, chorando para não subir, que causou uma sensação desesperadora em todos. Precisamos conversar muito, alguém subir com ela para que sentisse segurança. Aos poucos foi dando certo.

Com o passar do tempo e com as práticas de sairmos de sala, aproveitava sempre para alertá-los sobre os cuidados e o comportamento que deveriam ter em olhar por onde andavam, em não correr, em obedecer aos espaços dos outros, e os comportamentos foram mudando gradativamente. Evidente que para minha única aluna não era necessária a recomendação. Afinal, ela segurava em minha mão ou na da monitora e o passeio era uma alegria só! Mas, para os demais alunos, sempre aproveitei para ilustrar cada passeio fora de sala como se fosse um movimento que fazíamos no trânsito do dia a dia e sobre a importância em mantermos os respeitos devidos.

Certo dia em um passeio realizado numa tarde de aula – hábito comum na escola a fim de propiciar que os estudantes tivessem contato com o mundo externo e com as relações interpessoais – saímos da escola eu, o aluno 2, mais outra professora com seu aluno cadeirante e a monitora. Os demais alunos faltaram. Antes de começarmos o passeio, fiz todas as recomendações necessárias alertando-o de como deveria se portar. Tudo que eu mencionava ele repetia e sorria.

Ao sairmos da escola, o passeio seria feito sem travessia de rua. Segurei em sua mão e conversávamos sobre o que via na rua, onde andávamos, como estava se sentindo e, assim, o percurso era completado. Então, ao andarmos em linha reta, avistou uma faixa de pedestres e logo fez o sinal de vida para atravessar. Foi tão emocionante vê-lo agir espontaneamente ao ver uma faixa de pedestres e agir corretamente! Há tempos, tínhamos tantos desafios a serem vencidos e poder perceber que os assuntos continuamente trabalhados surtiam efeito na prática me causava um imenso prazer, porque estava alcançando resultados com os trabalhos desenvolvidos em meus estudantes. Sorri e ele me retribuiu com o mesmo entusiasmo de sempre. O elogiei e afirmei que não precisaríamos atravessar a rua, mas que fez tudo certo e estava de parabéns. Ficou feliz e sorriu novamente repetindo minhas palavras!

Muitos outros progressos foram percebidos ao longo do ano nesse aluno, como solicitar ir ao banheiro e não fazer xixi na roupa, não “fugir” da sala porque sempre falava para ele que era perigoso e sempre repetia a mesma coisa dizendo “é perigoso”², começou a buscar o lanche e entregar o prato, pois lançávamos na sala de aula, e passou a interagir muito bem

Gráfico 1. Avanços percebidos quanto às mudanças das estratégias pedagógicas.



Fonte: Levantamento realizado pela professora após avaliação do trabalho pedagógico (2018).

com os outros colegas nos momentos destinados a ouvir músicas na caixa de som que tenho ou ver vídeos em meu *tablet*.

A aluna também demonstrou grandes avanços no que tange interação com os colegas, à medida que os meninos estavam assistindo vídeos ou ouvindo música, quando algo a despertava interesse, debruçava-se próximo ao aparelho para ver e ouvir e, muitas vezes, fez menção em sentar-se próxima a eles e a ajudávamos, pois ela sentia insegurança em sentar-se sozinha.

Por mais insignificantes que possam parecer essas situações, para mim soam como grandes avanços e me fizeram perceber o quanto meu receio inicial estava equivocado. Eles aprendem sim. Como cada ser humano ao seu tempo. Evidente que para todo esse trabalho surtir efeito foi necessário e importante a participação de vários atores nessa construção formativa resultando em mudanças comportamentais e de aprendizagens. Como afirma Mader (1997), [...] as pessoas se apoiam mutuamente e suas necessidades específicas são atendidas por seus pares, sejam colegas de classe, de escola ou profissionais de áreas. A pretensão dessas escolas é a superação de todos os obstáculos que as impedem de avançar no sentido de garantir um ensino de qualidade. O trabalho coletivo e suporte que tive num ano de inexperiência foi de fundamental importância para a minha carreira e minha vida pessoal.

E as atividades transcorreram ao longo da formação. Como se tratava de estudantes com diferenciais cognitivos, sempre houve a necessidade de adaptar as atividades antes de serem aplicadas aos estudantes. Desse modo, o fiz. Surtiram grandes efeitos. Acredito que fora potencializada a inclusão. Adaptar de acordo com a realidade é modificar o convencional em busca do particular. Se cada um aprende à sua maneira, por que não incluir os estudantes especiais nas dinâmicas ofertadas aos do ensino regular? Segundo Mader (1997), é necessário construir uma política de igualdade com seriedade e responsabilidade, possibilitando ações significativas e de qualidade na prática de educação inclusiva. São ações que ocorrem em sala de aula que mudam a perspectiva social e as políticas públicas tornam-se mais eficazes. É preciso sair dos muros escolares na perspectiva de buscar o diferencial para nossos alunos especiais. Sei que não é uma tarefa fácil, mas possível.

No respectivo ano de 2019, transferi-me de instituição escolar e leciono atualmente para Classe Especial TGD/TEA³. São dois estudantes com idades de 18 e 20 respectivamente. O comportamento deles é diferenciado da turma do ano anterior, haja vista que se comunicam oralmente, apresentando maior facilidade, há total autonomia para desenvolver as AVAs⁴, atividades diárias, como ir ao banheiro, se alimentar, lavar as mãos, escovar os dentes, possuindo orientação e mobilidades independentes. Carvalho (2007, p.45) preconiza que “[...] a educação especial, como modalidade de ensino, deixa de ser entendida como uma educação diferente para alunos diferentes, e se converte num conjunto de meios pessoais e materiais colocados à disposição do sistema educativo”. Nesse sentido, não se trata como diferente, mas se adapta para alcançar potencialidades e resultados. Necessidade inerente a qualquer indivíduo visto que ninguém aprende da mesma maneira e ao mesmo tempo.

Para que bons resultados sejam vislumbrados, valorizar o que o estudante tem de melhor, favorecendo seus avanços e

trabalhando o que precisa ser vencido, é garantir sua socialização plena no sistema educacional visto que “[...] concepção e a compreensão do meio em que vivem, motivando-os para as aprendizagens, as interações e ao aprimoramento de desempenhos” (ARRUDA, 2008a, p. 156). A escola tem um papel preponderante nessa motivação interacional que propicia ao estudante, independente da sua condição de especial.

Desde que resolvi me dedicar à educação de estudantes especiais, muito tenho aprendido. Visto que neste ano tenho lecionado para alunos com diagnóstico diferenciado, o planejamento passou a ser outro, porque os desafios também mudaram. Trabalhamos muito com recortes de jornais e revistas, formação de palavras com uso de alfabeto móvel, ditados de palavras e números no quadro entre outros. Como não poderia deixar de ser, me inscrevi na formação do Detran na modalidade ofertada ao 1º ano – meus alunos correspondem a essa etapa formativa - e recebi os módulos com as respectivas orientações a serem seguidas por unidades.

Para a Unidade 1 planejei fazer um passeio pelas proximidades da escola a fim de identificarmos as sinalizações existentes. Cada um observaria e, em sala, iríamos fazer as ponderações necessárias. Um de meus alunos apontou não haver faixa para pedestres nem em frente à escola e nem na rua próxima, nem placa informando ser uma instituição escolar e nem semáforo mais perto de onde transitam os estudantes. O outro, afirmou que estava vendo uma pessoa passar fora da faixa de pedestres (correndo ao atravessar a rua). Observamos por algum tempo e não fiz comentário algum. Ao voltarmos para a sala anotei no quadro o que me falaram que descrevo no Quadro 1.

Quadro 1. Sinalização inexistente próxima à escola.

Faixa de pedestre próximo à escola.	Semáforo próximo.
Faixa de pedestre em frente à escola.	Muitos carros que passam na rua em frente à escola e não tem placa.
Placa sinalizando que é escola.	Pedestre mal educada

Fonte: Levantamento realizado pelos alunos após observação realizada em aula (2019).

Segundo observações levantadas pelos alunos e ilustradas na tabela 1, eles mesmos destacaram que tais pontos são importantes e não são encontrados próximos a escola. Destacam que nas proximidades da instituição não há nenhuma sinalização quanto à informação de que pelas proximidades tem uma instituição escolar, não há faixa de pedestres em frente à entrada de alunos e muitos adolescentes atravessam a rua todos os dias, o semáforo mais próximo não está perto e na rua em frente à instituição há uma pista de mão dupla sem nenhuma sinalização de velocidade. Além de mencionarem ver uma mulher atravessando a rua correndo e que isso era horrível e perigoso. E no retorno à sala, passamos próximo a um estacionamento dentro da instalação escolar e novamente o estudante de 20 anos pontuou “por que diretor manda pintar estacionamento pais especiais deixar filhos escola⁵”. Esse estudante todos os dias vai e volta de carro e, sempre que comentamos qualquer assunto sobre trânsito, faz esse comentário. Essa questão já foi levantada por alguns da escola em função de facilitar e ser uma área de acesso bom para subida e descida dos estudantes. Inclusive com sinalização.

Não para menos, no dia da apresentação em comemoração ao dia das mães, a vice-diretora estava fazendo alguns comentários e as mães agradecendo a equipe diretiva e aos

professores do especial pelas mudanças ocorridas nos últimos anos quando meu aluno levantou a mão e disse que tinha algo a dizer. Então a indagou com a seguinte pergunta:

- Por que diretor pinta estacionamento especial⁶?

Todos sorriram e acharam interessante o comportamento dele. Mas vejo o reflexo da consciência e de um trabalho contínuo. Ele é um estudante muito esperto e conseguiu refletir com perspicácia uma necessidade que atinge a muitos. O parabeneizei e disse que estava certo em tentar garantir seus direitos e que falaríamos com o diretor para vermos que providências poderiam ser tomadas.

Como ambos precisavam se deslocar de outras regiões para chegarem até a escola, solicitei que observassem o percurso, como os pedestres se comportavam ao atravessar as ruas (se usavam o semáforo, faixa de pedestres), se seus pais colocavam o cinto de segurança ao entrarem no carro e se em todos os lugares que passavam viam placas de sinalização. Em todas as aulas conversávamos sobre o trajeto e que novidades relatariam para que promovêssemos um momento de interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento. Assim, podíamos sempre revisar formas geométricas, escrita de palavras, ditados, operações de adição e subtração simples com materiais

concretos e atender a outros temas, por exemplo, iniciar os órgãos do sentido, como audição e visão, focando no trânsito e incluindo as atividades do módulo.

O próximo passo ao iniciar o semestre letivo será agregar novas estratégias trabalhando composições de palavras com outras dificuldades, escrita de frases e textos, utilizando panfletos e embalagens (juntei várias) que contenham gêneros alimentícios, higiene pessoal e casa/roupa. Já tenho todo o projeto montado na cabeça. Falta articulá-lo no papel para delimitar os passos a seguir e, assim, aplicar aos meus estudantes que estão no processo de alfabetização.

Penso que em ambas as situações houve transformações possibilitadas por meio do planejamento intencional, buscando viabilizar o progresso e o bem comum. O tema Trânsito e Mobilidade ofertou a discussão acerca do assunto, a interdisciplinaridade com outras áreas dos conhecimentos e um resultado positivo quanto a minha formação e ao progresso comportamental e pedagógico de meus alunos tanto de 2018 quanto desse ano que ainda estamos em processo formador. Sem dúvidas, valeu a pena cada hora planejada de estudos em frente ao computador! E, certamente, irei me inscrever na próxima etapa da formação. ■

Notas

¹ Pranchas com imagens e palavras que os estudantes utilizam para passar a mensagem que deseja informar. Disponível em: <<http://www.amankay.org.br/educadorinclusivo/index.php/capitulos/capitulo-4>>. Acesso em: 22/07/2019.

² Fala do aluno 2 todas às vezes que mencionava sobre ser perigoso sair de sala para ir até o ônibus escolar no estacionamento, na tentativa de ir embora. Explicava-lhe que tinha hora e que deveria esperar até que eu o levasse até a saída.

³ Transformo Global do Desenvolvimento/Transtorno Espectro Autista.

⁴ Atividade de Vida Autônoma.

⁵ Fala de meu aluno de 20 anos sobre o espaço dentro da instituição que poderia ser destinado a estacionamento de vagas especiais com sinalização.

⁶ Segunda indagação do mesmo aluno sobre a pintura do estacionamento para vagas especiais na escola.

Referências bibliográficas

DECHICHI, Cláudia; SILVA, Lázara Cristina da; FERREIRA, Juliene Madureira (organizadoras). **Curso Básico: Educação Especial e Atendimento Educacional Especializado. Políticas, saberes e práticas.** Material didático. EDUFU, Uberlândia, v.1, p. 210-211, 2012. [online]. Disponível em: <file:///D:/Bibliotecas/Documents/ebook_curso_basico_educacao_especial_v1_0.pdf>. Acesso em: 22/07/2019.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 16/07/2019.

JACOMELI, Renan Bezerra. **A inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino regular.** [online]. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-inclusao-alunos-com-necessidades-especiais-no-ensino-regular.htm>>. Acesso em: 16/07/2019.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Por uma escola para todos.** Campinas, cap. 1, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diversidade – LEPED/Unicamp, [online]. Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/nt/ta1.13.htm>>. Acesso em: 18/07/2019.

SILVA, Nathalia Barbosa Costa da. **Família X Escola na Inclusão.** [online]. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/familia-x-escola-na-inclusao/56552>>. Acesso em: 16/07/2019.

TRIÑANES, Terêsa Rocha; ARRUDA, Sônia Maria Chadi de Paula. Atividades de vida autônoma na escola de tempo integral: aluno com deficiência visual – perspectivas educacionais. In: **Revista Brasileira de Educação Especial.** Marília, vol. 20, n. 4, out/dez 2014 [online]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382014000400009>. Acesso em: 21/07/2019.